

Anísio Mello

# RITO SELVAGEM

---

Coleção Pensamento Amazônico  
Série Violeta Branca - v. 2

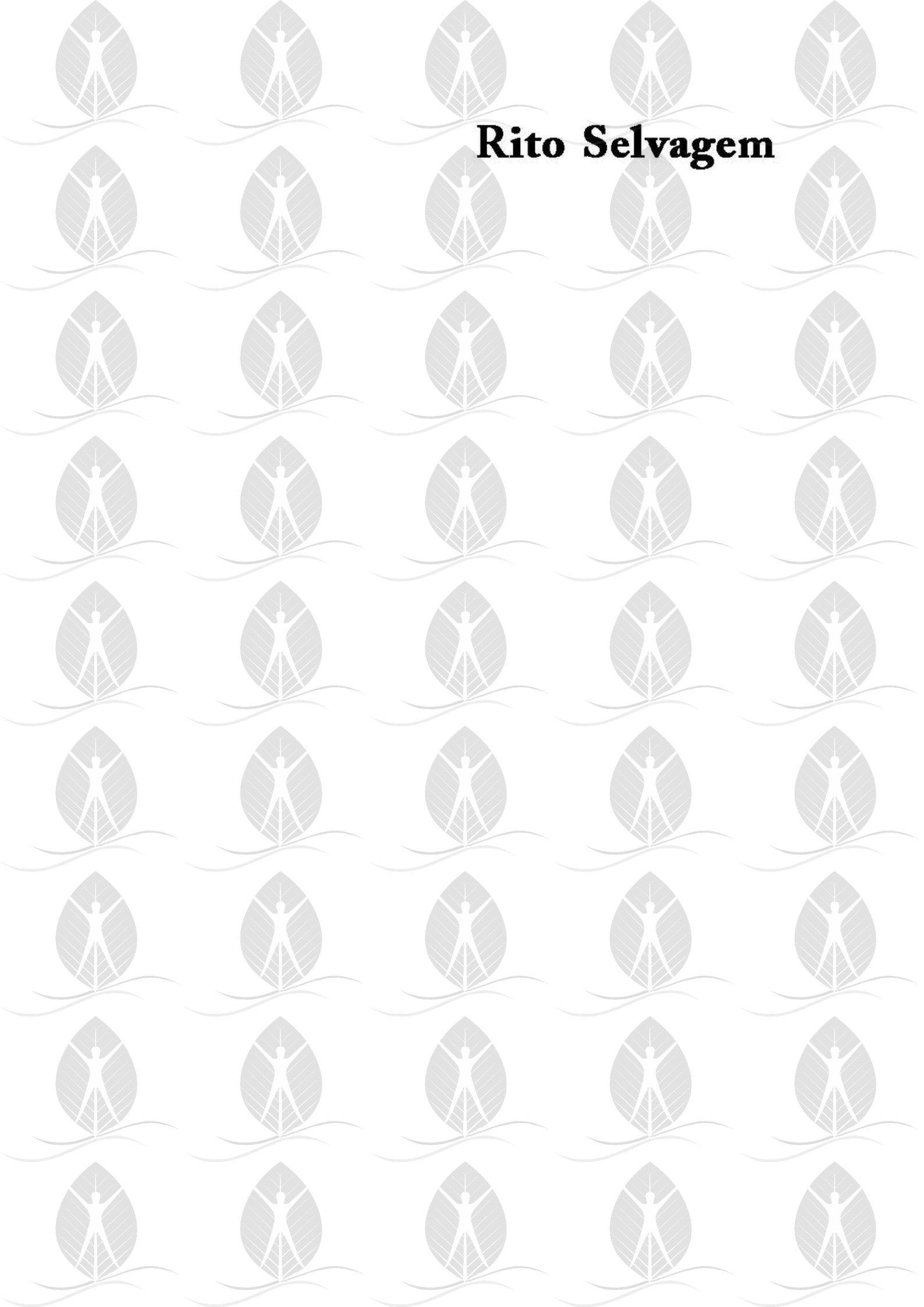
Manaus - AM

2011





# Rito Selvagem





DIRETORIA DA AAL  
BIÊNIO 2010/2011

Presidente  
José dos Santos Pereira Braga

Vice-Presidente  
Tenório Nunes Telles de Menezes

Secretário-Geral  
Almir Diniz de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto  
Carmem Nóvoa Silva

Tesoureiro-Adjunto  
Abrahim Sena Baze

Diretor de Patrimônio  
Moacir Couto de Andrade

Diretor de Eventos  
Cláudio do Carmo Chaves

Diretor de Edições  
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS  
Avenida Ramos Ferreira 1.009  
Cep 69010-120  
Centro - Manaus - AM

**ANÍSIO MELLO**

Membro da Academia Amazonense de Letras

# **Rito Selvagem**

Coleção Pensamento Amazônico  
Série Violeta Branca – v. 2



Manaus – Am  
2011

Copyright © 2011 Academia Amazonense de Letras.

Editor  
Marcus Barros

Comissão Editorial  
Luiz Maximino Corrêa  
Márcio Souza  
Euler Ribeiro

Formatação e digitação:  
Anísio Mello Júnior e Liliane Dourado de Mello

Revisão  
Benayas Inácio Pereira

Editoração eletrônica e capa  
Marcela Costa de Souza

## Ficha Catalográfica

---

Mello, Anísio.  
Rito Selvagem. 1. ed. Manaus: Academia Amazonense de  
Letras, 2011.  
74 p. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca.  
v.2)

ISBN: 978-85-64341-02-9

1. Poesias (Amazonas) I. Título Mello, Anísio.

CDD 342.56 (811.3)

---

## Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de *Casa-Grande e Senzala* e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentido da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só através da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das Academias de Letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!



Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as secretarias de Cultura do Estado e do município, por meio da *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

Ao assumir em agosto de 2003 a Cadeira de Gonçalves Dias, Anísio Mello suplicaria emocionado da tribuna acadêmica: "Queira Deus que minha missão nesta Casa seja próspera, produtiva e duradoura". Em abril de 2010 sua voz silenciava entre nós. A breve presença de Anísio na amável convivência acadêmica, no entanto, fora o coroamento de uma longa vida a serviço do Bem e da Beleza.

Ao editar "Rito Selvagem", justo quando transcorre um ano da morte do poeta, a Academia Amazonense de Letras exalta a sua contribuição ao Pensamento Amazônico, imortalizada através das letras e das cores que cultivou e poliu, precioso legado de uma existência próspera, produtiva e duradoura. Uma celebração à imortalidade!


*José Braga*

Presidente da Academia Amazonense de Letras



## Sumário

- 11 INTRODUÇÃO
- 17 CANÇÃO DA TRISTEZA
- 18 TREMULINAS DE VENTO
- 19 SONETO COLORIDO
- 20 DOCE ENCANTO
- 21 O SOPRO DO OBOÉ
- 22 CAVALGANDO ESTRELA
- 23 FRENESI DA VIDA
- 24 FRESTA DE LUZ
- 25 SEMEANDO LUZES
- 26 CANTOS DO VERÃO
- 27 DOCE MOMENTO
- 28 FANAL
- 29 PÉTALAS DE ESTRELAS
- 30 CAIXA DE PANDORA
- 31 O RETORNO
- 32 AMOREM FANTASIA
- 33 CERNE
- 34 CELEBRAÇÃO
- 36 INTRA MURUS
- 37 MEU PÔR DO SOL
- 38 SARABANDA
- 39 ESPECTRO DA VIDA

- 
- 40 VIOLÕES VADIOS  
41 LUAREDO AZUL  
42 TRANSPARÊNCIA  
43 PRATA VADIA  
44 SONHO ROUBADO  
45 CANÇÃO DO ALÉM-MAR  
46 PRECE  
47 SONHOS E VÍCIOS  
48 ENQUANTO O SOL NÃO VEM  
50 EMANCIPAÇÃO  
51 SEM TÍTULO  
52 O PÉ DE MILHO  
53 CANTO DO VENTO  
54 PERFUME DO SONHO  
55 CAPÍTULOS DE SONHOS  
56 AMANDA  
57 BRISA VADIA  
58 FACHO LUMINOSO  
59 REGISTRO  
61 OLHO-D'ÁGUA  
62 HAI KAIS  
63 PALAVRAS SEM DESTINO  
64 ACENDENDO ESTRELAS  
65 OS OLHOS DOS QUERUBINS  
66 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O AUTOR  
73 BIOGRAFIA DO AUTOR

## Introdução

Há seis anos, seguramente, durante peregrinação pelos “sebos” de Fortaleza, CE, visitei, por indicação de “O Geraldão” (loja da 24 de Maio) a Livraria “Naza”, da General Sampaio, 1.375, no Centro. Atendido por Simone, perguntei-lhe se havia no acervo da casa trabalhos sobre a Amazônia. Pensou, mexeu nas prateleiras, revirou pilhas e mais pilhas de livros e, afinal, com um sorriso de vitória, disse-me:

– Aqui está um!

Era um belo livro, encadernado, capa dura, cor verde, nome e gravuras em baixo-relevo. O título: *Antologia ilustrada do folclore Brasileiro, série “Estórias e Lendas da Amazônia”, II volume.*

Consultei, rapidamente, o índice, encontrando: “A Origem do Solimões, Iara, Icamíabas, as Amazonas, Cobra-Grande, Boto, Jurupari, Cobra Norato (...)”.

Sem pestanejar, perguntei:

- Quanto custa?
- Dez reais.
- Fico.

A obra, com mais de 300 páginas, fora editada pela Gráfica e Editora Edigraf S.A., São Paulo, sob a supervisão de Afonso Schmidt. Estava, já, na 2.<sup>a</sup> edição. Continha o esclarecimento: “Seleção e introdução de Anísio Mello” (Só não referia a data da edição. Esses livrinhos...).

Vibrei com a revelação que me a tornara mais cara.

Abebeirara-se o nosso Anísio, para organizar a Antologia, nos laureados escritores Álvaro Maia, Brandão de Amorim, Barbosa Rodrigues, Mário Ypiranga Monteiro, Gastão Cruls, Alberto Rangel, Câmara Cascudo, Euclides da Cunha, Dalcídio Jurandir, Oswaldo Orico, Afonso Arinos e em tantos outros, inclusive nas suas observações. Uma beleza!

E eu não conhecia a obra, embora já houvesse enveredado pelo caminho das lendas amazônicas, a partir de “Os deuses”.

Esta lembrança decorre do honroso convite que me fez Anísio Mello para abrir o seu novo livro de poemas – Rito selvagem. E é pensando no amazonismo telúrico de Anísio e no seu lirismo inquietante a que alude o escritor amazônida, nascido em Portugal, Ferreira de Castro – “... gostei muito dos seus poemas. Gostei pelo que encerram de beleza e de inquietação espiritual e ainda pelas lembranças que me trouxeram da nossa Amazônia” – (Recado de 28.11.1959, vindo de Lisboa) – que abro, por pura condescendência do poeta, o seu mais recente volume de poemas. E o faço confessando, que estou diante de um escrínio de luz. Dentro, sei, há joias preciosas de elevado quilate, brilho próprio e cintilações perenes. Porque o artesão que o colocou é um esteta. Eleito das musas para produzir belezas, não se furtou ao formoso desígnio de seu horóscopo.

Anísio convive com a arte. É-lhe súdito de luxo e fiel escudeiro. Artífice, garimpeiro devotado do labor mágico de polir talentos. É pintor. É músico. É poeta. É mestre.

Não estou só neste breve panegírico introdutório à arte desse cultor da formosura e da harmonia.

Dele já dissera Américo Antony (da Academia Amazonense de Letras):

“... Anísio encerra em si a trilogia da sensibilidade estética: é pintor, é músico e é poeta”.

O imenso Álvaro Maia, também da AAL, a ele referindo-se, classificou-o de:

“esbanjador de coloridos”.

Alencar e Silva, igualmente da Academia Amazonense de Letras, asseverou:

“na pintura ele patenteia poesia e da melhor (...)”.

Mithridates Corrêa, do cenáculo das letras do Amazonas, brindou-o com esta frase lapidar:

“Os predestinados são assim, meu caro poeta! Não param senão com a morte, ou melhor, não param nunca, porque deles ficam sempre as sementes que espalharam pelo caminho”.

Mendonça de Souza, do arcópio caboclo, examinando-lhe a obra, afirmou:

“Sua poesia é inteiramente lírica. Surpreende, apaixona, entenece e perturba”.

Agora abro o livro.

E o que leio?

Que o artista continua ébrio de amazonidade, cultivando sempre o telurismo dos primeiros tempos e o lirismo escachoante de Minas vitórias-régias, Remanso e Lira nascente. E que, segundo a palavra abalizada de Aristhopano Antony (da AAL):

“...sua verve empolga e enleva a quantos o lêem e trazem consigo o caloroso culto da arte”.

Rito selvagem é um autêntico florilégio, um buquê de sentimentos, um ramalhete de sensibilidades.

Haja sensibilidade!

Sensibilidade para interpretar os fenômenos da alma. Evocar os anseios humanos. E enflorar os delírios da juventude. E as emoções da maturidade.

O poeta é um ator que atravessa as idades e os tempos, na doce faina de cantar a beleza!

É um desprendido! Quase sempre esquece as próprias ilusões para traduzir as aspirações de todos. E o faz tangendo a lira. Por isso atinge as cordas do sentimento, no que tem de mais puro.

A esse canto melodioso e subjetivo chamam lirismo.

Anísio, disseram os seus críticos, é um lírico. E a constatação é simples: basta lê-lo:

... Do teu sorriso a flor desabrochava,  
de joelhos, minh'alma, como escrava, curvou-se em prostração  
como em delírio (em “Doce Momento”).

O poeta é um polivalente, compõe poesia com as mãos, quando pinta, e nos poemas que arquiteta, com harmoniosa cadência, vê-se-lhes as tintas da alma.

Em “Capítulos de Sonhos”, compõe esta interessante alegoria:

O mar tem alma, eu sei  
e muitas vezes vi  
o encanto das ondas sobre as praias  
a elevar-se nas cores do arco-íris (...).

No poema “Facho Luminoso” confessa:  
... Sou eu, sim, sou eu,  
campo relvado onde o passaredo  
cantando em bando vai buscar a vida,  
onde o néctar da luz sacode o vento  
e perfuma os teus beijos (...).

O artista é lírico e telúrico. No poema “Enquanto o sol não vem” canta:

... o vento úmido que soprava das matas  
trazia o aroma das copaibeiras  
onde as cigarras se abrigam  
e cantam, em uníssono, a voz do verão,  
da terra, das águas e dos sonhos  
as folhas caindo em aceno à vida  
são vidas que findam e adubam a terra  
para o viço da várzea que não morre nunca (...).

E, em “Celebração”:

... e os cardumes em festa fazem seu trajeto  
e brilham como estrelas.

O plâncton favorece a fauna aquática  
E acaricia o leito do rio que o semeia (...).

E a escola? O saudoso filólogo, acadêmico Nonato Pinheiro (da AAL), estudando os trabalhos do autor de Rito Selvagem, depõe: “Anísio Mello é um poeta que não se escravizou a nenhuma escola. Possui versos brancos, poemas livres e sonetos metrificados e rimados. O poeta recomenda-se por qualidades eminentes, sentindo-se sempre em seus versos um sopro de quente inspiração”.

Nada mais correto. Anísio é livre. Eis a definição mais precisa e oportuna. Vezes temos como amante do soneto, do que é exemplo “Soneto Colorido” (primeiro quarteto):

Talvez não saibas tu quanta poesia  
é capaz de ofertar um só artista.  
Se é pintor e poeta, que alegria,  
Ter o dom de sentir o ser que avista  
O céu, a terra, o mar que ele recria (...).

Com a mesma desenvoltura passeia pelo modernismo, como em “Emancipação”:

... O amor é um pássaro,  
alado e franco,  
que amanhece em teus olhos  
na revoada úmida das lágrimas.

Até o haicai o artista deu de cultivar. É mesmo um polivalente,  
o Anísio!

No brilho do Sol  
o vento que encanta o azul  
perde-se no ar.



Fecho o livro. Mas os olhos da memória continuam percorrendo as páginas do Rito Selvagem – um volume de elegantes poemas construídos por um artista que transpõe a imagética de seus sonhos para as telas. E para o papel as visões de seu mundo interior.

Manaus, Natal de 2006.

Almir Diniz

Da Academia Amazonense de Letras

## *Canção da tristeza*

Quando fores comigo, amada minha,  
a sorver do meu vinho como outrora,  
o néctar do canto que hoje aflora  
é canção da tristeza que caminha.

Lembranças foram muitas e eu tinha  
uma paixão por ti e tenho agora  
o fruto do que fui e que continha  
naqueles tempos idos, tempo afora.

O presente de ontem que cantava  
em vibrações de luz que me inspirava  
era a volta ao passado, ao meu amor.

Nós éramos felizes e cantando  
o tempo nos sorria e cortejando  
tirava do meu peito a própria flor.

Manaus, 26.9.2006

## *Tremulinas de vento*

Tece a manhã a luz clara do Sol  
envolvida no beijo do otimismo  
e cantando no azul lá no arrebol,  
estrelas solfejar como atavismo.

Crescente é a luz que brilha qual farol  
e acende a manhã fervida em lirismo  
e procura no espaço um girassol,  
que se embriaga de amor do romantismo.

Tece a manhã e canta a natureza,  
como canta a alegria da grandeza  
e ilumina o infinito num abraço.

O céu tisona de azul toda a alvorada  
e reflete nas águas como espada,  
tremulinas de vento pelo espaço.

Manaus, 26.9.2006

## *Soneto colorido*

Talvez não saibas tu quanta poesia  
é capaz de ofertar um só artista.  
Se é pintor e poeta, que alegria,  
ter o dom de sentir o ser que avista,

o céu, a terra, o mar que ele recria  
na tela ou no papel, sempre otimista,  
em função do seu dom que lhe irradia  
uma alvorada azul – a sua conquista!

Ser pintor e poeta a um só momento  
é sentir duplamente o sofrimento,  
as dores deste mundo, a alegria.

É dizer com o pincel a cor da vida  
e pintar em seus versos, colorida,  
as auroras de luz de uma poesia.

## *Doce encanto*

Chega o Verão, a mesma luz de outrora  
traduz em canto um novo olhar astral  
como se fosse a alegria de agora  
numa oração feliz de amor real.

Suspira o vento e pelo mundo afora  
o peito arfante é arpejo de cristal,  
espaço e luz que sempre brilha e aflora,  
cantando as cores como num vitral.

Como as cigarras o Verão surgia  
e o céu bonito encheu-se de alegria  
com passarinhos e seu brilho intenso.

Chega o Verão, oferta de poesia,  
sabor de luz que enche de magia  
meu doce encanto, sonho do que penso.

Manaus, 23.10.2006

## *O sopro do oboé*

Ao poeta Sergio Luiz Pereira,  
pelo livro Sopros do Oboé

O vento era cristal e sussurrava  
ao sopro do oboé solto no espaço,  
na transparência terna de um abraço,  
brilhante como a lua que serenava.

Minh'alma de cristal Deus escutava  
em vibrações serenas de um só traço  
em versos inspirados que ora faço  
no azul do firmamento em que eu voava.

O sopro musical do encantamento,  
em alegres versões do pensamento  
o oboé soluça – humana fala.

A névoa desce e ofusca o firmamento  
e o cristal que se via – espaço e vento  
é lembrança feliz que não se cala.

Manaus, 27.1.2005

## *Cavalgando estrela*

Saí cantando pelo mundo afora,  
em meu silêncio de alegria e dor,  
a sensação de sonho que agora  
sinto em meus olhos, traduzida em cor.

Ainda assim, sonhando com outrora,  
acendo a luz desta alvorada em flor,  
tendo em meus olhos novo dia que aflora,  
a irradiar um novo sol de amor.

Ao te fitar no despertar do dia,  
uma canção balbuciando eu lia  
nos olhos teus sem ter como acendê-la.

E se ergo a voz e canto assim profundo,  
é que em silêncio vou beijando o mundo,  
erguendo os braços, cavalgando estrela.

## *Frenesi da vida*

Abro meus braços cavalgando o dia  
e no calor transpiro amor intenso  
e vou buscar o beijo desta orgia  
no frenesi da vida como penso.

E de tão leve o passaredo fia  
cores de sonhos neste céu imenso  
no roçar das nuvens da alegria  
que pelo espaço esparge o seu incenso.

Esta leveza inspira e reconforta  
em vastidão de luz que em si comporta  
em cavalgada, anseios de infinito.

Vagas estrelas, plenas de luar  
joias perdidas soltas pelo ar  
no encanto milenar que estava escrito.

Manaus, 30.11.2002



## *Fresta de luz*

De uma fresta de luz um canto de cigarra  
desliza em meu Verão e vem fazer a aurora  
para luzir o dia e começar agora  
a marca de quem canta em peito de guitarra.

E boêmia, semeia as notas da algazarra  
na tarda luz e vai por este mundo afora.  
E volteia e seduz com suas canções de outrora  
do cantar volátil de terna fanfarra.

A cigarra cansada para de cantar  
mas seu canto ficou no rastro de luar  
que a noite esparramou no manto de nanquim.

Também cantei, um dia, para aliviar  
as dores do meu peito e sem poder parar  
leve o meu martírio, triste, sem ter fim.

Manaus, 11.8.2000

## *Semeando luzes*

Ao poeta Sergio Luiz Pereira,  
pelo prazer que me deu lendo seus versos

Li teus versos, de chofre, com certeza;  
quanta coisa bonita em tua poesia!  
as imagens refertas de beleza,  
são gôndolas de luzes, de alegria.

Na gama de emoções, entre a tristeza  
e prazeres do amor que se ilumina,  
ninfas de prata alteiam-se em nobreza,  
e num bailar de luzes refletia

o talento do bardo e seu tesouro,  
coroando de flores – também louro,  
os versos que plantaste em bom solo.

Segue teu rumo, vai, canta o destino,  
qual Bocage e Camões, de gosto fino,  
que espalharam seus versos como Éolo!

Manaus, 26.1.1991

## *Cantos do verão*

As cigarras voltaram no Verão  
e cantam no meu peito e vão embora  
deixando nesta dor que sinto agora  
um lamento de amor no coração.

O mesmo canto triste do perdão  
da vida passageira, vida afora  
floresce da tristeza a toda hora  
semeando lembranças pelo chão.

Não cantes mais, cigarra cantadeira,  
não quero mais ouvir a tarde inteira  
teu pranto solitário sempre assim.

Para o soluço triste, para a vida,  
o teu silêncio à hora da partida  
é como um campanário mudo, em mim.

Manaus, 29.10.2002

## *Doce momento*

Como a aurora, surgiste em minha vida  
e teu clarão de luz estonteante  
trouxe-me a paz, o amor e a guarida  
dos braços teus, febris, naquele instante.

Foste uma flor do espaço ora colhida  
nos versos que plantei e acrisolante  
eu vi na Primavera malnascida  
garimpando teus olhos qual brilhante.

Do teu sorriso a flor desabrochava,  
de joelhos minh'alma como escrava,  
curvou-se em prostração como em delírio.

Doce momento o meu, pois em teus braços  
pousei em ti meus olhos que inda baços,  
procuravam tua luz no meu martírio.

Manaus, 18.9.2003

## *Fanal*

Meu alazão de luzes se vestia  
e trotava e trotava em magistral  
eflúvio de luar da sua magia  
no espaço das estrelas, sideral.

Passava pelo azul e evanescia  
no seu rastro uma névoa, festival  
de milenares astros que recria  
a loucura sem fim do seu fanal.

Há momentos na vida que nas plagas  
as luzes dos caminhos só são chagas  
onde percorre toda a humanidade.

Na tristeza sem luzes quando passa  
também meu alazão perde sua graça  
no eflúvio do luar da sua vaidade.

Manaus, 12.9.2000

## *Pétalas de estrelas*

Cuida de mim, meu corpo frágil em desconforto  
enfrentou frio em tempestade e mil procelas  
e qual galera ancora lento neste porto  
e pelas ondas vai no embalo das suas velas.

Cuida de mim, que solitário e absorto  
olho o infinito, não há nuvens como aquelas  
que caminhavam pelo céu por sobre o horto  
de violáceas flores, pétalas de estrelas.

Joga teu manto purpurino ou de esmeralda  
e da natura como um brilho de grinalda  
abre teus braços pelo amparo deste amigo.

Olho o infinito e meu olhar tristonho e manso  
quedo em teus olhos que de olhar jamais me canso  
e flutuando vou viver sempre contigo.

Manaus, 19.5.2000

## *Caixa de Pandora*

Se é anjo, és flor, meu querubim querido,  
e teu encanto é vibração que aflora,  
pois quando pensa, meu viver dorido  
é ritornelo e vai voltando agora.

O tempo passa, e o coração ferido  
é como triste caixa de Pandora:  
notas voláteis de cristal partido  
que vibra, canta e soluçando chora.

Eu tive um anjo, era só meu o encanto  
e a sina quis e o sequestrou no entanto,  
deixando em chama o coração dos seus.

Hoje recordo o meu carinho e em pranto  
tento esquecer o que sofri e canto  
porque meu anjo foi morar com Deus.

Manaus, 9.9.2002

## *O retorno*

Ao meu discípulo de arte e amigo Said Iamut

Eis que chega o artista, e vem garboso  
à sua faina encantada, amando a forma,  
no lúdico prazer para seu gozo  
que teve pela vida como norma.

O papel esboçado em tom zeloso  
traz nuances antigas e conforma  
o espírito feliz e fervoroso  
do artista singular que a si contorna.

Eis que tudo renasce em harmonia  
como o bailar da vida e a alegria  
que brotam do prazer de ser artista.

E o criador caminha pelo mundo  
e tudo se transforma num segundo  
ao toque do pincel de um alquimista.

Manaus, Jan. – 2003



## *Amor em fantasia*

Em teu coxim dourado repousei um dia  
e o perfume da flor de luz também dourava  
o claro do luar que a névoa refletia  
e o suspiro que afluí da flor que serenava.

Vi teu corpo em delírio, amor em fantasia,  
era o êxtase do gozo, o mundo se acordava  
para ver o luar, a luz da sua magia  
num toque de condão que lá no céu estava.

O mundo do teu leito em turbilhão ainda  
girava no fulgor e do teu corpo infinda  
era a ânsia do prazer em festa de delírio.

A noite ia chegando e tudo novamente  
em trêmulo gorjeio a vida era semente  
do amor tão puro e lindo qual nascer de um lírio.

Manaus, 23.5.2000

# *Cerne*

Não me queiras assim:  
se do ódio faço o amor,  
se da palavra faço a vida,  
esqueço de tudo, esqueço,  
a manhã colorida,  
o teu cerne, tudo,  
mas não esqueço  
a manhã dos olhos teus  
e a nova vida que fazemos.

Manaus, 19.6.1993

## *Celebração*

Ergo meus braços rumo ao infinito  
e este canto de amor que brilha no horizonte  
encandece de luz a festa da manhã.

O calendário célebre é como um barco sem destino  
à deriva do tempo e da vida.

Perco o timão da galé dos prazeres  
e meu farnel de luz espalha-se cantando  
no mar, na selva e nos rios.

É o ritual que embala minha celebração  
Na trilha indefinida.

Amo o silêncio e neste devaneio coruscante  
celebro a alma e meus desejos encantados.

Raia um novo tempo e nele a alegria  
de ver a luz brilhar nos olhos das crianças  
como cirandas festivas da inocência.

Já não se destroem florestas, nem rios,  
e os cardumes em festa fazem seu trajeto  
e brilham como estrelas.

O plâncton favorece a fauna aquática  
e acaricia o leito do rio que o semeia.

Tudo é luz no infinito natural,  
tudo é natural no infinito portentoso  
e nós que contemplamos a rosa e seu perfume  
somos parte de tudo neste chão que agasalha  
a flor e o fruto com o mesmo carinho  
do dia em que fomos gerados  
para plantar e colher o perfume da vida  
e beijar o infinito com a alegria de sempre  
e os prazeres do mundo.

Manaus, 1.º.1.2003

# *Intra Murus*

Do cerne deste amor  
palpita com loucura  
um coração que a flama  
incandeia os anseios  
da calma contida.

Vem de dentro o calor  
como aurora em delírio  
a espargir brilho pelo céu.

Somos carne em loucura  
na loucura da loucura  
e caminhamos em silêncio  
neste paraíso entre paredes.

Manaus, 2002

# *Meu pôr do sol*

Não me firas assim  
com tua lâmina de fogo  
em cimitarra, meu pôr do sol.

Não precisas dançar  
com tuas ondas flutuantes  
nem ascender as luzes do reflexo.

Não me queimes os olhos,  
meu pôr do sol,  
quero ver a paisagem encantada  
da beleza do poente.

Manaus, Ago. – 2000

## *Sarabanda*

Nascia o vento. Era manhã.  
Sobre as águas chapinhava a brisa branda  
na carícia suave da sua transparência.  
O rio luzia as ondas como se fossem pérolas  
de um joalheiro afortunado e feliz.

Os peixes com suas escamas reluzentes  
em sarabandas caboclas ensinavam as águas  
e as ondas em marulhos apenas dançavam  
com a lição aprendida dos reflexos antigos  
e a calmaria em silêncio ninava o vento  
vestia o manto negro da noite e serenava  
na maciez do afago das estrelas.

O céu bordava-se no espaço em lantejoulas de prata.  
Os pássaros aninhavam-se com os raios da lua em núpcias de  
púrpuras e gozos.

Manaus, 4.10.2002

## *Espectro da vida*

Para Alcides Werk, em memória

Como a luz solitária os devaneios  
são árvores floridas, diz o vento,  
colorindo a campina nos gorjeios  
da revoada azul do pensamento.

São cristais, esmeraldas, encandeios  
do brilho astral da festa do momento  
em que nasce o Verão trazendo aos seios  
o calor desta vida em doce alento.

Como a luz do Verão também existe  
a inspiração do bardo e ela consiste  
na crença de viver e de amar.

Mas a fatalidade nos assiste  
qual vendaval de sonho às vezes triste,  
no espectro da vida pelo ar.

Manaus, 13.11.2003



## *Violões Vadios*

A Lua rastreava estrelas pelo azul.  
Seu reflexo desenhava florestas  
e aves em bandos eram silhuetas  
na dança cristalina do luar.

Ouvia-se o eco das serenatas  
de boêmios sonhadores  
no arpejo de divinas paixões  
de violões vadios.

Os astros testemunhavam  
os soluços de amores infindos.

O Sol cortejava a manhã que nascia  
no tapete verde dos jardins  
onde boêmios soluçavam suas paixões.

Manaus, 20/7/2006

## *Luaredo Azul*

O nada navegava o não ser  
à espera do dia que aos poucos acordava  
e a manhã nascia branda  
com o chilrear dos pássaros canoros.

E rendilhado e cantando  
o sol nascia com um tiquinho de luz  
acordando a relva serenada e tranquila.

Aos poucos a brisa pelo espaço  
abraçava a manhã e despedia-se  
do luaredo azul de lâminas de ventos.

Manaus, 26/4/2006

# *Transparência*

Eu era fantasia  
e minhas mãos flutuavam no espaço  
indicando estrelas  
na minha transparência.

Os astros com a fragrância das flores,  
como essência divina inebriantes,  
vagavam no delírio como anjos perdidos.

E eu, na minha translucência,  
quedava sem luz e amorfo  
à procura de milagres  
como o maná de luz tão esperado.

Flui a manhã desesperadamente,  
cantando em névoas do seu encantamento,  
o capricho do não ser da fantasia iluminada.

A Terra enchia-se de clarões abruptos,  
e se espria no verde e abraça a clorofila,  
dissolve a fantasia  
e a minha transparência.

Manaus, 8/4/2006

## *Prata Vadia*

As luzes prateiam a madrugada  
e escrevem no infinito palavras cristalizadas  
de benfazejo luar na prata vadia.

Lembranças se mesclam aos prazeres  
de luas, luares, sóis, bobagens, etc.

A madrugada sovina de prazeres  
canta a solidão da noite arredia.

Mas as luzes prateiam a madrugada  
e caminham na minha estrada de luz,  
onde as estrelas se apagam  
no adeus das tristes madrugadas.

Manaus, 14/4/2006

# Sonho Roubado

Sempre sonhei contigo  
que me roubava por castigo  
o amor que trago no meu peito,  
pois teus olhos são de céu,  
tua boca de carmim,  
teu sorriso de cristal,  
sorrindo para mim.

Devolve meus sonhos lindos  
que um dia me roubaste  
com egoísmo sem fim,  
me deixando triste assim.

Manaus, 12/12/2005

## *Canção do Além-mar*

Permita-me estes versos passageiros,  
pois trago no meu peito o amor profundo.  
olhando a tradição muito distante,  
maior que o oceano, do que o mundo,  
como a saudade imensurável de um amante.

Os ares lusitanos viram lenda,  
pátrias irmãs: Brasil e Portugal,  
nasceram do amor e sempre juntas  
caminham inspiradas por Cabral.

Pátria do amor, do além-mar, das caravelas,  
fizeram destas notas tão singelas,  
o fado que se canta em madrigal.

Manaus, 10/1/2006

*Prece*

Vieste com Tua luz  
e me abraçaste inteiro,  
e Teu perfume como incenso,  
abençou o ar e as luzes  
e me isentaste dos pecados.

E eu, pecador, cansado de perdões,  
imploro por mais um, e peço-Te vênia  
e por Tua graça o carinho  
que não sei se mereço  
nas horas de aflição  
por ter pecado tanto.

Oh! Deus, não Te mereço,  
perdoa-me e dá Tua luz  
no meu caminho.

Manaus, 8/1/2006

## *Sonhos e Vícios*

Abro a janela.

A rua mal calçada de passos anônimos  
se enche de tristeza.

Arrulham nas cimalthas e beirais

os pombos da Matriz,

ou revoam em bandos pelos meandros  
abandonados de desenhos antigos,  
que lembram ondas de meu rio.

As crianças abandonadas riem felizes,  
como se a felicidade fosse pássaros em bando.

Além, amigos seus sonhavam ser felizes  
como os pombos abstratos das suas loucuras.

As calçadas não sonham como nós,

que amamos e sentimos

o futuro desfeito das crianças

que flutuam no negro da noite

em evoluções de sonho e de vícios.

Manaus, 21/11/1992



## *Enquanto o sol não vem*

O céu plúmbeo prenunciava chuva  
e os pássaros recolhiam-se aos ninhos  
para abrigar seus frutos.

O vento úmido que soprava das matas  
trazia o aroma das copaibeiras  
onde as cigarras se abrigam  
e cantam em uníssono a voz do Verão  
da terra das águas e dos sonhos.

É o Amazonas cantando na floresta  
o sol e a chuva em casamento de viúva.

É a terra que se abre de perfumes  
com o mururé os lagos colorindo  
em sorriso de incenso que sorrindo  
abraça em teias aguardando as águas  
que vão chegando agora em gotas cristalinas.

O céu plúmbeo sopra ventos de cristal e neve  
e os prazeres se escondem entre a galhada  
e gemem os casais de pássaros vadios  
para a proliferação da vida da floresta.

As folhas caindo em acenos à vida  
são vidas que findam e adubam a terra

para o viço da várzea que não morre nunca  
e acende o luzeiro de anos que virão  
com a prosperidade do húmus da renovação.

Os pássaros são frutos da renovação  
E cantam na chuva enquanto o sol não vem.

Manaus, 3/12/1996

## *Emancipação*

Afogo-me no calar dos teus braços  
como se fosse amor ardente e puro  
o sonho que não tive.

Os pássaros sobrevoam cascatas  
e enfeitam como guirlandas vivas  
o hálito da terra.

o amor é um pássaro, alado e franco,  
que amanhece em teus olhos  
na revoada úmida das lágrimas.

Ah, se o amor voltasse!  
As cantigas, por certo,  
retornariam risonhas  
e em meu peito pousariam  
os pássaros sem ninho  
e emancipariam a verdade  
destes versos...

Manaus, 30/11/1994

## *Sem Título*

Teus olhos de madrugada,  
teu sorriso como estrelas,  
teus lábios cor da saudade  
e tuas mãos de princesa,

são acenos de desejos  
em uma noite estrelada,  
como ventos frios e brisas  
para meu corpo de espera.

Tua morenidade é luar,  
e teu corpo e tua fala  
são atributos das musas  
em seu perfume que exala.

Cheia de graça esta musa  
não precisa de nascer,  
pois quem nasce assim dourada  
vive sempre a florescer.

Manaus, 8/5/1990

# *O pé de milho*

Ao amigo Otelo, com um abraço

Um grão de milho perdeu-se no asfalto  
e se refugiou no meio-fio  
para germinar e florescer.

Os pombos assustados – asas de vento  
observam o nascer das folhas verdes  
e o pendão de ouro que se oferta  
aos ventos de cantares de poetas.

O pendão abre-se em flores  
e a praça da Saudade e sua memória  
vibram em cantos verdejantes  
e o pé de milho cresce, vive  
e aparece...  
e diz aos pombos do Otelo:  
– Aqui estou!...

Palmas e vivas são ouvidas  
ecoando na praça  
em vibrações de asas furtacoras  
pelo evento do verde que renasce!

Manaus, 15/5/1985

## *O Canto do Vento*

O caminho percorria aos meus pés  
deslizando ao luar azul da madrugada.

As folhas secas chilreavam  
como pássaros sonolentos sopradas pelo vento,  
enquanto o azul silente acariciava os ninhos  
de penas esvoaçantes da procriação.

As águas cristalinas dos regaços  
tremulavam os reflexos da Lua  
enquanto o vento cantava de mansinho  
o delírio de canções eternas.

As folhas antigas dançavam com a brisa  
a eternidade do sopro rasteiro  
da sururina encantada de todas as madrugadas.

Manaus, 1.º/8/2006

# Perfumes de Sonho

Parto de gloriosa luta contínua  
no campo da vida.  
As emoções crepitam  
no fogo da existência  
com o meneio do corpo e da luz  
da sensação da vertigem do gozo.

A luta continua e corre e avança  
como um dardo festivo ao infinito  
e nos leva ao além amaro e doce.  
A glória, perfume do sonho,  
navega no espaço  
e abraça a vida de quem a procura.

A glória efêmera canta  
como um sonho encantado  
e se dilui na canção do nunca mais.

Manaus, 12/8/2006

# Capítulos de Sonhos

O mar tem alma, eu sei,  
e muitas vezes vi  
o encanto das ondas sobre as praias  
a elevar-se nas cores do arco-íris.

O mar tem alma, eu sei,  
a repartir-se  
num gesto de amora  
como um capítulo de sonho.

Eu também, como o mar,  
quis dividir-me.  
Procurei pelas praias o aconchego,  
o carinho, o amor,  
na maciez das águas cálidas,  
onde arrecifes desviam-se das ondas  
e as espumas são estrelas no meu leito  
e são almas do mar,  
capítulos de sonhos.



# *Amanda*

A luz do dia em teus olhos  
transpiram o amor dos que te querem.

Os dias passam na vida  
e te amam, Amanda,  
como o Sol ama o dia  
e as estrelas da noite  
amam a madrugada.

Amanda é o dia que floresce  
e sorri como os anjos  
e brilha nos teus olhos,  
e canta como as flores  
que suspiram e renascem  
e começam a florescer  
no claro de todos os dias.

Manaus, 7/9/2006

## *Brisa Vadia*

Era a brisa vadia da Primavera  
que beijava as folhas verdes  
da roseira que enfeitava o jardim.

As pétalas da rosa-cor-de-rosa  
lançavam-se na relva  
para um beijo de amor  
abençoar a natureza.

A brisa vadia  
visitava diariamente  
o mesmo jardim,  
a mesma roseira,  
e o encanto  
da rosa-cor-de-rosa

Manaus, 16/9/2007

## *Facho Luminoso*

Passaste e perguntaste: és tu?  
eu respondi que sim.  
O mesmo que te amou e te sentiu,  
e penetrou em teu cerne colorido,  
como um sol maturado como um fruto.  
Sou eu, sim, sou eu,  
campo relvado onde o passaredo  
cantando em bando vai buscar a vida,  
onde o néctar da luz sacode o vento  
e perfuma os teus beijos  
no sândalo em essência desta vida.  
Sou o refúgio a procurar refúgio  
nos teus braços de seda, como um deus!  
Como um pássaro doirado que não voa mais  
e pousado no ninho vai dizendo sempre,  
que viveu e sonhou,  
que viveu e amou,  
porque o lume da vida entregaste  
nos beijos que me deste, trêmulos, nervosos,  
como quem rouba da luz em facho luminoso  
e encandece a manhã no brilho dos teus olhos.

## *Registro*

Ao amigo Arthur Engrácio, em memória

Era ali, companheiro, que o passado  
registrou no livro da memória

o local dos encontros e dos sonhos.

A pedra calcetada de arenito em sangue  
tinha em nós o rubor das glórias do porvir,

que o capim afastava para conquistar  
como nós, também, o seu lugar ao sol.

Mas o tempo passou, e não faz muito,  
o asfalto negro, infame,

escorreu por sobre o verde

e ocultou para sempre a lápide vermelha  
do sangue arrancado à força de explosões  
e embora assim, coberto, oculto, humilhado,

deixa vestígios das imperfeições

da mão que ordena o vil desmando.

É assim, embora, o verde ainda apareça  
escondido, rasteiro, aproveitando o sol

que foi buscá-lo mansamente

na fresta que sobrou do chão antigo,  
somos nós, sobreviventes de tudo,

que tragédia:

erguemos a frente, altivos, quase em guerra,  
e marchamos juntos, mil pernas, um só passo,  
nada escapou aos nossos olhos cansados,  
mas vencemos a luta, aqui estamos,  
pobres de bens, por nossas mãos pequenas,  
mas que fortuna imensa amealhamos  
pelas sementes verdes que plantamos  
na pequena fresta que sobrou  
do chão crestado de um asfalto bruto,  
pois somos a relva, o verde da esperança,  
o capim,  
e aqui estamos.

# *Olho-d'água*

Saí pelo mato  
– mato adentro.  
No escuro das folhas  
escorria um olho-d'água,  
e como lágrimas, acariciando a gleba  
olhava para mim...

*Hai Kais*

Teus olhos nos meus:  
Afogo-me no mar azul  
sem queixas de amor.

Teu olhar antigo  
de porcelana chinesa  
faz o sol brilhar.

Brilha a madrugada  
o olhar azul encanta  
a trilha da vida.

No brilho do sol  
o vento que encanta o azul  
perde-se no ar.

Canta o verde, a selva  
e reflete a vida que embala  
o azul da manhã.

Manaus, 20/7/2006

## *Palavras sem destino*

Estava solta no espaço – ela  
era um pássaro perdido que flutuava  
na bubuia dos tempos,  
sem cor, sem alma, sem luz,  
sem fantasia.

Assim ficou inerte, sem palavra,  
no silêncio das horas.

Só o perfume encantava o mundo  
e inebriava o sonho do não ser.

A estrada sem fim, inexistente,  
vestia curvas de sinuosas perdidas  
no canto milenar do infinito,  
safra de vento, cítara de Éolo,  
evaporando luar e liberdade.



## *Acendendo estrelas*

O céu, ribalta da vida  
acendia as estrelas do cenário,  
e eu caminhava tonto,  
aturdido pelas razões dos dias,  
como folha solta do Verão  
acenando no espaço  
o adeus das almas mortas.

O céu revelava o Sol,  
que por chegar,  
acariciava o Verão  
derramando no solo  
o ouro do tapete divino e manso.  
A relva pintava o verde  
da clorofila que se espalhava  
no chão abençoado.

Manaus, 12.6.2008

## *Os Olhos dos Querubins*

Os anjos não voam mais,  
não pousam nas nuvens;  
o espaço é livre e azul  
como os olhos dos querubins.

Mas mesmo assim,  
cantam em coro  
e sopram suas trompas  
no encanto das horas  
da alegria dos que não podem cantar.

Manaus, 12/6/2008

## Considerações sobre o autor

“... gostei muito dos seus poemas. Gostei pelo que encerram de beleza e de inquietação espiritual e ainda pelas lembranças que me trouxeram da nossa Amazônia”.

Lisboa, 28 de novembro de 1959.

FERREIRA DE CASTRO

*Escritor e jornalista*

“Pureza da linguagem e sobriedade são as dominantes virtudes de sua produção”.

Prof. ANTÔNIO RAVANELLI e HERMÍNIO DE CAMPOS  
MELLO,

*In: Iniciação ao estudo da Língua Portuguesa, São Paulo*

“A simplicidade de seus versos impressiona. Tem a marca do lirismo acadêmico e a grandeza da imensidão amazônica onde nasceu. Daí a imensa facilidade de Anísio Mello rendilhar versos onde canta sua admiração profunda à natureza agreste, violenta, enorme da ‘sua’ verdelândia Amazonas. Sincero e espontâneo, transmite as gamas de seus sentimentos a cada frase, enriquecendo sobremaneira suas produções, e produzindo expressivo movimento de aproximação entre paulistas e amazonenses”.

JAIRO CÉSAR DE SIQUEIRA

*Professor, da Sociedade Geográfica Brasileira, São Paulo*

“... Anísio Mello encerra em si a trilogia da sensibilidade estética: é pintor, é músico e é poeta. Só isto afirma indubitavelmente a esperança da flor que começa de nascer”.

AMÉRICO ANTONY

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Anísio Mello é um poeta que não se escravizou a nenhuma escola. Possui versos brancos, poemas livres e sonetos metrificados e rimados. O poeta recomenda-se por qualidades eminentes, sentindo-se sempre em seus versos um sopro de quente inspiração”.

“Não conheço outro amazonense que tenha divulgado tanto, fora do Estado, sua terra e sua gente, o mundo amazônico e seus expoentes. Sua bibliografia é opulenta e da melhor valia. Intelectual de nobre estirpe, observador de rara acuidade, tem em mãos todos os trunfos para estudos profundos e pesquisas beneditinas”.

Pe. NONATO PINHEIRO

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Espero que tenhas um grande êxito no teu empreendimento literário, numa época em que a mediocracia se empoleirou nos mirantes do Brasil e não permite o triunfo dos legítimos talentos”.

RAMAYANA DE CHEVALIER

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Entre Lira Nascente (1950) e Festa Geral, impõe-se naturalmente uma constatação: a de que se manteve como que inalterada a visão poética do autor, refletida na fidelidade às fontes de sua inspiração

e aos temas de sua predileção: uma Amazônia caleidoscópica, onde lenda e realidade plasmam o seu universo poético”.

ALENCAR E SILVA

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Na pintura, ele patenteia poesia e da melhor”... “E na Poesia, ele trai o pintor quando, entre outros versos de realce, escreve: ‘O Salto do Barranco’, ‘O Crepúsculo’ e alguns outros. Como se deve notar, para o autor de *Minhas Vitórias-Régias*, o manuseio da paleta e da lira é-lhe função corriqueira”.

LUIZ DE CASTRO

*Em “A Crítica”, Manaus, 13.10.1952*

“... um esbanjador de coloridos, Anísio Mello, pintor e poeta, jornalista e conhecedor dos problemas do Amazonas”.

ÁLVARO MAIA

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Das suas conquistas literárias, no ramo da poesia lírica, tinha eu notícias frequentes, pois antes de partir de sua terra natal, editou um livro de versos sempre bem medidos e muitos bem inspirados, assegurando-lhe a nomeada de aedo”.

ARISTOPHANO ANTONY

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Anísio Mello, a quem carinhosamente chamo meu patrão, é o artista mais versátil que conheço: escultor, pintor, inventor, músico (compositor), poeta, arquiteto, heraldista, filatelista, numismata, empresário, jornalista, educador, folclorista, estudioso da língua tupi, etc.; subitamente tomou contato com a arte de Bashô, tornando-se um haijin (mais um título para a sua coleção curricular).

Disso resultaram os 126 haikais desta sua coletânea magicamente intitulada Kaleidoscópio. Costumo dizer que Anísio, numa outra encarnação, nasceu na Itália, no século 15, na pequena aldeia de Vince e chamou-se Leonardo.

Olhem bem para ele!

Os coloridos haikais deste esplendente Kaleidoscópio atestam bem a genialidade criativa do poeta.

E, para terminar esta despretensiosa apresentação, dedico-lhe este haicai à maneira de Guilherme de Almeida:

Kaleidoscópio

Fragmentos surreais  
De cor na mente do autor  
Vão formando haikais.

LUIZ BACELLAR

*Da Academia Amazonense de Letras*

“Ninguém de sã consciência poderá desta maneira negar a Anísio Mello as qualidades de um poeta cuja verve empolga e enleva a quantos o leem e trazem consigo o caloroso culto da arte”.

ANTÔNIO CRUZ NETO

*Professor*

“Sua poesia é inteiramente lírica. Surpreende, apaixona, entenece e perturba”.

MENDONÇA DE SOUZA  
*Da Academia Amazonense de Letras*

“Anísio Mello já é um poeta consagrado na sua terra natal, pois que muito contribui para o incentivo da cultura na colossal Amazônia. E, além das fronteiras de seu Estado, Anísio Mello alcança renome, estima e admiração por todo aquele que lê seus livros”.

WANDA DE ALMEIDA PRADO  
*Jornalista, São Paulo*

“Escreveu este primeiro livro na adolescência da vida. Mas há neste livro, muita beleza singela dos poetas que passaram, e que deixaram na alma nacional, o mundo extraordinário de emoções em que vivemos”.

ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO  
*Da Academia Amazonense de Letras*

“E, se afirmarmos que teu livro é um toque de inúbia para as letras amazonenses, é porque nele estão todo o mistério e toda a beleza da nossa grande terra”.

JOSÉ DE ALENCAR E SILVA  
*Jornalista, Rio, 5.9.1950*

“Poeta nato, artista na expressão mais ampla da palavra, sensibilidade pródiga da arte, Anísio já possui volumosa bagagem literária em prosa e verso. Sem citarmos as obras produzidas em seu Estado natal – o Amazonas, mencionaremos Remanso que contém verdadeiras pérolas em matéria de poesia, dignas de figurarem em nossas melhores antologias”.

VICENTE DE OLIVEIRA E SILVA  
*Jornalista. In “Folha Bancária”, São Paulo, 1962*

“De Anísio Mello, no Amazonas, não se precisa dizer muito. Pertence à geração moderna, vibrante, que tem produzido poetas, escritores, governadores, magistrados, professores, senadores e artistas. É o poeta nostálgico da terra, da planície amazônica, das águas do rio-mar”.

WALDEMAR BATISTA DE SALLES  
*Da Academia Amazonense de Letras*

“É ativo, e consegue aproveitar bem o tempo que lhe sobra de outras atividades, quer no campo empresarial, quer na seara literária, onde participa com trinta livros escritos, de poesia, crítica literária, conto e folclore. Anísio Mello figura em muitas antologias literárias e é matéria de livro didático em São Paulo”.

L. C. TIBIRIÇÁ  
*Professor, da União Brasileira de Escritores, São Paulo*



“Os predestinados são assim, meu caro poeta. Não param senão com a morte, ou melhor, não param nunca, porque deles ficam sempre as sementes que espalham pelo caminho”.

MITHRIDATES CORRÊA  
*Da Academia Amazonense de Letras*

“Homem dos sete instrumentos, como bem se poderia chamá-lo, Anísio Mello é, artisticamente, de uma versatilidade exemplar. Pintor, escultor, poeta, crítico, músico, contista, folclorista e ainda, para completar a lista, jornalista e inventor.

Essas atividades todas, como não poderia deixar de ser – acreditamos –, vinham prejudicando o poeta, que hoje começa a libertar-se e trilha, para regozijo dos seus leitores, o seu verdadeiro caminho, – a literatura”.

ARTHURENGRÁCIO  
*Do Clube da Madrugada*

“Tudo parece renascer nestas páginas de Sexagésima S tella: o amor, o sonho, a canção, a estrela, enfim, que volta a iluminar, com a intensidade maior de quem teme perder o brilho, os novos caminhos do autor.

Ao ler estes poemas de renascimento existencial e romântico do velho amigo de muitas serestas e madrugadas, chego a compreender, de uma vez por todas que ele, ao contrário de Machado de Assis, não deixa subir para o cérebro o que acha ser um privilégio do coração.

Assim é, e assim devemos aceitar a poesia de Anísio Mello, artista polivalente, e sincero e afetivo em todos os momentos da vida, um desses homens visitados pela graça momentânea da fortuna”.

JORGE TUFIC  
*Da Academia Amazonense de Letras*

## Biografia do autor



ANÍSIO MELLO

*Anísio* Thaumaturgo Soriano de *Mello* nasceu em 1927, em Itacoatiara (AM), quando seu pai, Dr. Octaviano Mello, atuava na magistratura local. A mãe, Ester Mello, era artista plástica. No ano seguinte, quando a família viajava para Urucurituba (AM), onde o pai exerceria as funções judicantes, sofre um naufrágio a poucas “praias” do município. Mas, todos foram salvos pelo pai e pelos remadores do batelão.

Apenas em 1933, devido as frequentes viagens do pai, Anísio chega a Manaus para estudar. Inicia o curso primário em 1940, o ginásial em 1945 e o clássico em 1948. No andamento dos cursos, estudou artes com sua mãe, diretora da Escola de Artes “Cristo Redentor”. Assim, em 1947 promoveu sua primeira exposição individual, na União dos Estudantes do Amazonas. Ao concluir o ensino secundário, em 1950, publica seu primeiro livro de poesia – *Lira Nascente*.

Anísio Mello herdou dos pais a vocação pelas letras e pelas artes. “É pintor, é músico e é poeta”, na afortunada acepção do poeta Américo Antony. Sua competência permitiu que participasse de várias exposições nacionais e internacionais, conquistan-

do lúreas. Ao mesmo tempo, publicou alguns livros versando sobre poesia, crítica literária, ensaio, folclore, linguística etc. Deixou inédito respeitável número de livros, três dos quais serão lançados para lembrar o primeiro ano de seu falecimento.

Com a esposa, desembarcou em São Paulo no IV centenário da cidade. Inicia proveitosa fase paulista de sua vida. Em junho, ingressou no Banco de Crédito da Amazônia (hoje Basa), concursado. Participou de exposições e editou seus livros. Mais importante, fundou e dirigiu o jornal quinzenal *Correio do Norte*, (1958-1965), divulgador da Amazônia no Sul do País. Além desse, a *Folha Bancária*. Recebeu prêmios em exposições e dois filhos. Enfim, bacharelou-se em Filosofia na Faculdade Anchieta, em 1972.

Ao deixar a capital paulista, em 1981, preferiu investir em Eirunepé (AM), onde pintou três grandes painéis nas igrejas da cidade. Já fixado em Manaus, dirige o Liceu de Artes *Ester Mello*, o segundo fundado no Brasil, extinto com sua morte. E seguiu repetindo as iniciativas promovidas em São Paulo: editou jornais, fundou associações, presidiu conselhos e agremiações e recebeu amigos e alunos para se divertir e ensinar.

Em 1989 recebeu o *Prêmio Governo do Estado*, especial, pelo conjunto de suas obras. Finalmente, por aclamação, a Academia Amazonense de Letras o proclamou merecedor da Cadeira azul nº 3, do patrono Gonçalves Dias, a ela se dedicou desde agosto de 2003.

*A folha caindo  
carregada pelo vento:  
último momento.*

Anísio Mello morreu em 11 de abril de 2010.



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA